

O que escrever hoje para teatro pode ser

Guilherme Gomes, do Teatro da Cidade, escreveu um texto poético, que também encenou. A peça chama-se *que boa ideia, virmos para as montanhas* e está no Festival a partir de hoje e até domingo. Embora tendo uma formação de ator, Guilherme Gomes sempre teve vontade de escrever, e um dia pensou que estava chegada a altura de fazê-lo. “Acho graça à ideia de estar a escrever e a experimentar, acima de tudo. E, neste texto em particular, propus-me a isso: começar a experimentar.”

“Tinha uma urgência pessoal: escrever sobre relações humanas, mas com delicadeza. Não estamos a contar uma história, não há um acontecimento que seja extraor-

dinário, que seja heróico. Nos ensaios eu dizia-lhes: ‘é uma terça-feira à noite’.” Que mais banal, no sentido de *normal*, pode haver no facto de ser uma terça-feira à noite? É terça-feira à noite, isso é banal, mas há três pessoas que não vão dormir e há pelo menos duas que vão ver nascer o dia. No centro de tudo está o passado, enorme, ali a ocupar tudo. E também isso é muito normal. Mas como falar de algo da ordem dessa normalidade e levar isso para uma cena de teatro?

Para abordar essa escrita, Gomes recorreu a um mote particular: uma canção de Leonard Cohen chamada *Famous Blue Raincoat*. Toda a atmosfera da peça é marcada por essa canção. Um vento



© Luana Santos

tenaz sopra, e há vozes ao longe, durante uma tempestade. Mas, sobretudo, há a preponderância de uma melancolia, que a tempestade e a poesia do texto aumentam. “Esse tema do Cohen foi um elemento dramático muito importante. Mas não uso essa história em cena, não, antes inventei a partir daí: o que sucederia se essa pessoa a quem o Cohen se dirige na canção aparecesse?” Uma canção que começa por declarar que são quatro da manhã. Quem se não os amantes estão acordados e juntos a uma tal hora? A beleza singela da canção de Cohen

encontra no texto de Gomes uma recriação que nunca se afasta da toada melancólica do tema que lhe deu origem.

Neste exercício dramático, Guilherme Gomes considera ter feito um percurso ao contrário do habitual na dramaturgia mais convencional: “Começo na cabeça da personagem para ir para o texto. E nas primeiras leituras houve contributos dos actores, e alterei coisas no texto. O Luis Miguel Cintra, com quem nós trabalhamos na Cornucópia, dizia-nos: a maneira de fazer um espectáculo inventa-se a cada espectáculo.” | S.A.

Destruir o espaço-prisão do poder masculino

Amanhã à noite, sábado, dia 13, na Sala Principal do TMJB, *Estação Seca* apresenta-se pela primeira vez no Festival (repete no domingo às 18h30). Trata-se de um espectáculo difícil de catalogar porque não cabe nos géneros convencionais de auto-representar o que sucede num palco. Não é bem teatro, não é totalmente dança, o que talvez possa significar que é *performance* – e no entanto, o grau de elaboração do espectáculo de Phia Ménard (que co-encena e co-

-assina a dramaturgia, juntamente com Jean-Luc Beaujault) indicia uma replicação do que por vezes sucede nos processos de criação em dança contemporânea, ou em teatro físico: pluridisciplinaridade, pensamento sociológico e antropológico, complexidade dos processos artísticos.

Um espectáculo de grande singularidade, que expõe a natureza doente das relações de poder entre os seres humanos. E mais particularmente entre os homens e as mulheres, num Mundo em



© Jean-Luc Beaujault

que ser mulher é ainda uma garantia de humilhação, nos tantos lugares ditos civilizados e do 1.º Mundo onde ainda há homens que dirigem insultos inqualificáveis às mulheres que passam por eles

na rua. *Estação Seca*, que estreou com enorme sucesso no Festival de Avignon de 2018, propõe-se destruir o espaço-prisão do poder masculino, através de um ritual de grande poder simbólico.

Colóquio V



© Luana Santos

Alessandro Serra, director e fundador do grupo Teatropersona, encenador de *Macbettu*, encontrou-se connosco ontem, no colóquio na Esplanada. Contou-nos o porquê da escolha da cultura sarda para esta adaptação do clássico do teatro *Macbeth*, de Shakespeare: é uma visita às origens da sua família paterna e à musicalidade da língua, a par com a força do folclore sardo. Ao propor-se fazer esta adaptação, Serra

tinha alguns objectivos: criar um impacto visual através dos corpos, das vestimentas tradicionais da Sardenha, das cores, do ruído; depois agarrar o interesse do público com o som da língua, a

sua força narrativa; e, por último, transcender a imagem inicial com os pormenores e referências culturais. Falou-se da Última Ceia, do pão típico usado em cena, das vestimentas, do trono do rei ser

uma cadeira pequena e infantil, da mulher ser a pessoa mais alta em palco. Tudo isto são aspectos que Serra pensou e tratou com cuidado para conseguir manter o público cativado. E o sardo tinha a força de que necessitava: “A língua sarda é antiga mas é ainda muito presente, muito musical”. Quanto às alterações produzidas no texto original, o encenador justifica-se: “Ao trabalhar só a narração, perde-se o essencial, há que ir além do texto.”

Amanhã, às 18h00, estará António Pires, encenador de *Terror e Miséria*, na Esplanada do Festival.

Terror e miséria, esta noite no Palco Grande do Festival

Esta noite, às 22h00 no Palco Grande, sobe à cena *Terror e Miséria*, um espectáculo encenado por António Pires. É a segunda peça de Bertolt Brecht que marca presença no 36.º Festival de Almada, depois de *A Boda*, que abriu esta festa internacional do teatro. E é mais um espectáculo que, à semelhança de *Se isto é um homem*, aborda o tema do Holocausto – mas também da discriminação, do medo, da complacência face a algo errado que não nos ataca directamente mas que cresce graças à nossa indiferença e cobardia.

Terror e miséria conta-nos várias pequenas histórias do dia-a-dia na Alemanha nos anos que culminaram na Segunda Guerra Mundial.

Percorremos casas burguesas, a praça da cidade, a prisão, o campo de concentração. E percorremos também os sentimentos das personagens tão distintas que habitam as cenas. Há desespero, há medo, há ódio, há ignorância. E lembramo-nos daquilo a que temos assistido por estes dias no Mundo, quando vemos fenómenos semelhantes a nascer, a crescer e a tomar o poder.

Podemos não saber exactamente o fim de cada uma das situações a que vamos assistir esta noite, mas sabemos como acabou esse período de terror e miséria moral. Sabemos quantos milhões de pessoas morreram, quantas vidas foram destruídas, quantas mentes ficaram marcadas para sempre. É para



© Maria Antunes

esse desfecho que caminhamos também nos dias de hoje? É isso que estamos também a ignorar? É preciso pensar nisto muito bem e perceber que cada um de nós tem a responsabilidade de evitá-lo.

Encontro da Cerca revisita Primo Levi amanhã

Amanhã de manhã, a partir das 10h00, a bela Casa da Cerca, em Almada Velha, frente a Lisboa, acolhe os palestrantes de *As palavras e o Mundo na herança de Primo Levi*, um encontro entre investigadores e outros especialistas, de acesso livre (condicionado à lotação da

sala) e aberto à participação do público do Festival de Almada que queira interpelar as pessoas que convidámos para evocar a vida e a obra de Primo Levi e o seu inestimável contributo – testemunhal, mas também literário – para a memória do Holocausto: António Martins, Giovanni Tesio,

Martina Mengoni, Ricardo Presumido, Rogério de Carvalho e Esther Mucznik. O Encontro tem a colaboração da Memoshoa (Associação Memória e Ensino do Holocausto) e os apoios do Instituto Italiano de Cultura de Lisboa e do Centro Internazionale di Studi Primo Levi.

AGENDA DE AMANHÃ

ENCONTRO DA CERCA

10:00 **As palavras e o mundo na herança de Primo Levi**

Casa da Cerca

TEATRO

16:00 **que boa ideia, virmos para as montanhas**

Teatro-Estúdio António Assunção

COLÓQUIO

18:00 **António Pires**

Escola D. António da Costa

TEATRO

19:30 **As três sozinhas**

Teatro Nacional D. Maria II

MÚSICA NA ESPLANADA

20:00 **Deejay Booster**

Escola D. António da Costa

TEATRO

21:00 **Mary Said What She Said**

Centro Cultural de Belém

21:00 **O Sonho**

Teatro Municipal Mirita Casimiro

21:30 **Estação seca**

Teatro Municipal Joaquim Benite

RESTAURANTE DA ESPLANADA

HOJE

• Paella

• Bacalhau à Zé do Pipo
• Lasanha vegetariana

AMANHÃ

• Entrecosto com migas
• Choco guisado c/ puré de batata
• Massa com ervilhas no forno

